

ROTA 1

PASSEIO HISTÓRICO DA PORTA DO “OLIVAR DE ATOCHA” ATÉ A PORTA “DE LA AMÉRICA ESPAÑOLA”

ROTAS ARTÍSTICAS, BOTÂNICAS E HISTÓRICAS
DA IBERO-AMÉRICA EM MADRI (RETIRO)

OEI **UCCI** 



ÍNDICE

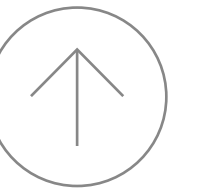
PASSEIO HISTÓRICO DA PORTA DO "OLIVAR DE ATOCHA" ATÉ A PORTA "DE LA AMÉRICA ESPAÑOLA"

-
- | | |
|----------------------------------|---------|
| Início da rota | P. 7 → |
| 1 Real Basílica de Atocha | P. 8 → |
| 2 Panteão dos Homens Ilustres | P. 17 → |
| 3 Museu de Antropologia | P. 20 → |
| 4 Porta do "Ángel Caído" | P. 24 → |
| 5 Monumento a Juanxu Rodríguez | P. 26 → |
| 6 Fonte do "Ángel Caído" | P. 27 → |
| 7 A "Rosaleda" | P. 29 → |
| 8 Monumento a Andrés Eloy Blanco | P. 34 → |
| 9 "Casa de fieras" | P. 36 → |
| 10 Fonte de "La Alcachofa" | P. 39 → |
-

ÍNDICE

PASSEIO HISTÓRICO DA PORTA
DO “OLIVAR DE ATOCHA” ATÉ
A PORTA “DE LA AMÉRICA ESPAÑOLA”

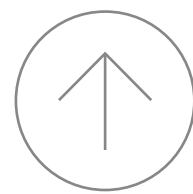
-
- 11 **Monumento ao Marechal
Francisco Solano López** **P. 40 →**
-
- 12 **Monumento a Alfonso XII** **P. 41 →**
-
- 13 **Monumento à
República de Cuba** **P. 42 →**
-
- 14 **Monumento ao General
Martínez Campos** **P. 43 →**
-
- 15 **Porta “de la América
Española”** **P. 44 →**
-



ROTAS ARTÍSTICAS, BOTÂNICAS E HISTÓRICAS DA IBERO-AMÉRICA EM MADRI (RETIRO)

Este guia é fruto do trabalho conjunto entre a Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) e a União das Cidades Capitais Ibero-Americanas (UCCI), que realizaram este projeto dedicado aos Jardins do Retiro e seus arredores, no distrito madrilenho “Retiro”, com a convicção de que eles formam um espaço ideal para destacar a presença de elementos do patrimônio natural e cultural da Ibero-América.

Rastreando o Parque do Retiro, podemos encontrar vestígios da relação entre esta grande área verde e a história ibero-americana. Um passado entrelaçado que, às vezes, dorme, levemente esquecido, alheio ao frenesi dos dias de hoje. Mergulhamos neste passado para trazer à tona momentos de encontro e recuperar a memória de mulheres e homens que, ao longo dos séculos, fizeram inúmeras viagens de ida



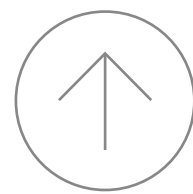
e volta, de um lado a outro do Atlântico. Nosso objetivo é compartilhar suas histórias, esses encontros, com qualquer pessoa que visitar o Retiro. Algumas histórias aconteceram em um mundo muito diferente do que conhecemos hoje, mas ainda nos reconhecemos nesses acontecimentos. Fizeram, fazem e sempre farão parte de “nós”, desse “nós” unidos por uma cultura comum. A história da Ibero-América e sua cultura estão vivas em Madri e é isso que queremos mostrar em nosso passeio pelo Retiro através destas rotas. Uma proposta que incentiva a recuperação deste patrimônio cultural comum e o fortalecimento dos laços de afeto e colaboração para continuar construindo um futuro compartilhado



ROTA 1

PASSEIO HISTÓRICO DA PORTA DO “OLIVAR DE ATOCHA” ATÉ A PORTA “DE LA AMÉRICA ESPAÑOLA”

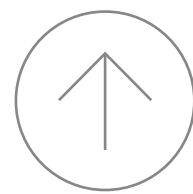
Prefeitura de Madri. Museu de História. Porta do Retiro.
Castañeira y Alvarez. Entre 1911 e 1915



PASSEIO HISTÓRICO DA PORTA DO “OLIVAR DE ATOCHA” ATÉ A PORTA “DE LA AMÉRICA ESPAÑOLA”

No passado, o Parque do Retiro tinha uma área muito maior. No Plano Texeira, concluído em 1656, podemos ver que, ao redor da atual Basílica de Atocha, havia um lugar conhecido como “Olivar de Atocha”; o muro desta área verde era contíguo ao gradil do Retiro e os reis podiam entrar nela e na Basílica da Virgem de Atocha diretamente do Retiro. A basílica foi reformada em várias ocasiões, uma delas quando parte de seu recinto foi destinado a abrigar o Panteão dos Homens Ilustres, no final do século XIX.

Em 20 de julho de 1936, dois dias depois da revolta de Franco contra a República no Marrocos, a igreja foi incendiada e arrasada



pelas chamas. Foi reconstruída em 1949 e a seu lado foi construído um colégio que funciona até hoje. A basílica, como a vemos agora, foi inaugurada no Natal de 1951.

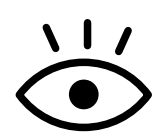
1 Real Basílica de Atocha



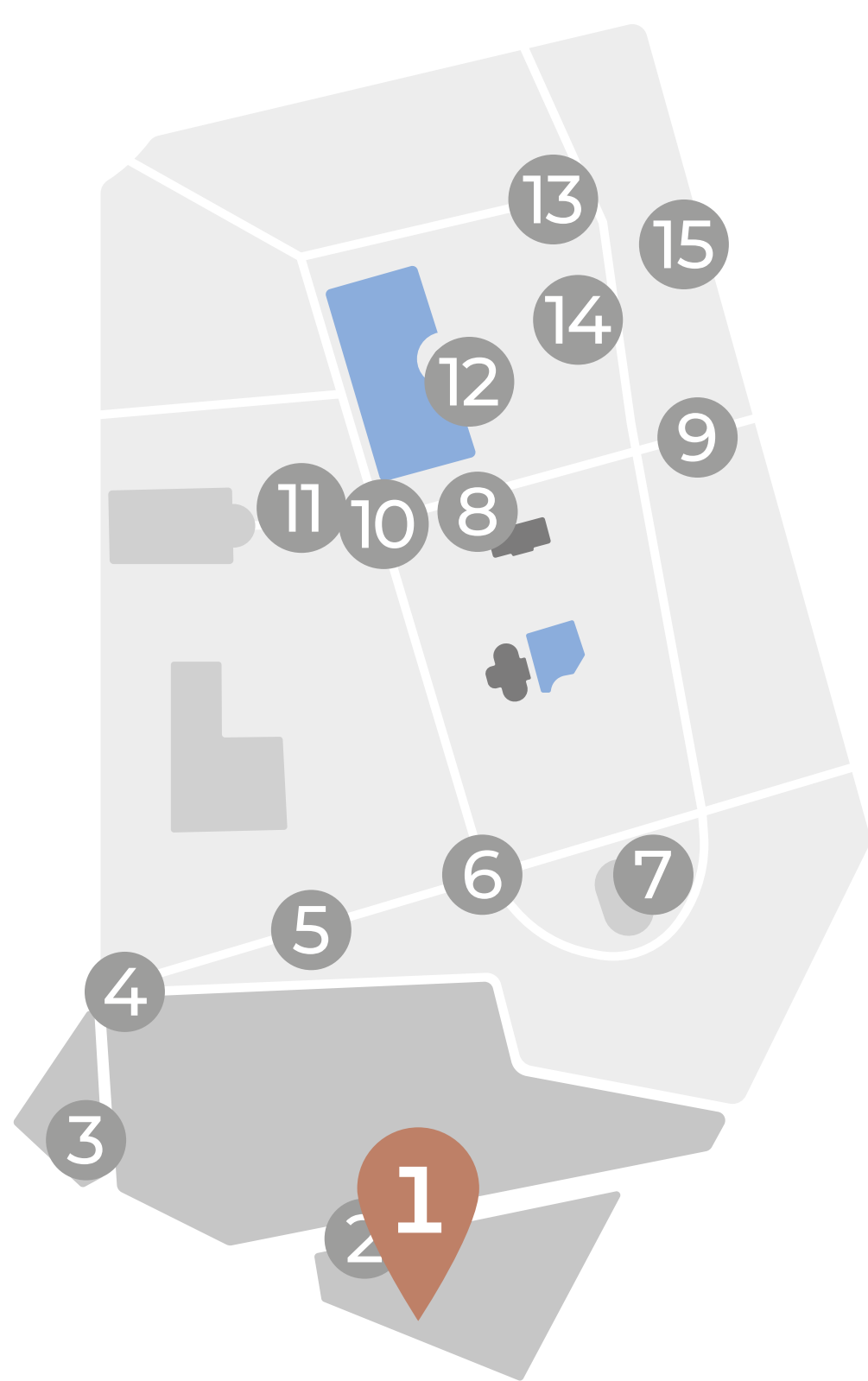
Acredita-se que foi a última residência de Bartolomeu de las Casas



Ligada à monarquia espanhola



Padroeira de princesas, príncipes e infantes



Há séculos, a **Basílica da Virgem de Atocha** está intimamente ligada à história da monarquia espanhola. Reis e rainhas têm rezado diante dela, uma das mais antigas e veneradas de Madri.

Afonso X, o Sábio, venerou a Virgem de Atocha em suas Cantigas de Santa María, os monarcas católicos prostraram-se a seus



pés, Felipe II tinha uma grande devoção a ela, João de Áustria ofereceu-lhe a espada com que lutou em Lepanto e, diante dela se casaram muitos reis: Fernando VII com Maria Cristina, sua quarta esposa, e Afonso XI com suas duas esposas, Maria das Mercedes de Orleans e Maria Cristina de Habsburgo.

Também cabe destacar a devoção muito especial que Felipe IV sentia pela Virgem de Atocha desde muito pequeno, ao ponto de ter o costume de comungar em sua ermida todos os sábados e nunca deixou de visitá-la quando saía ou voltava para a capital do reino.

Ao que parece, o monarca esteve no santuário mais de três mil vezes, e quando estava morrendo, pediu que a imagem fosse levada ao seu quarto para que pudesse morrer perto dela.

A Basílica de Atocha, localizada no caminho de Vallecas - a atual Avenida "Ciudad de Barcelona"- foi transformada em quartel na noite de 5 de dezembro de 1808 (foi "a triste noite do santuário") pelas tropas francesas. Em 1936, a igreja foi atacada e

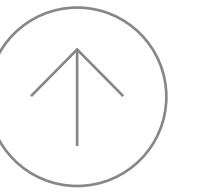


incendiada, mas a imagem - uma escultura entalhada muito antiga - foi salva porque tinha sido entregue alguns dias antes a uma família que era amiga da comunidade dos dominicanos.

Assim, vemos a importância da Virgem de Atocha para os reis espanhóis em diferentes períodos da história.

Quase cem anos antes do plano da Texeira, em 1561, o frei Bartolomeu de las Casas estava em Madri e hospedava-se neste lugar durante suas visitas à Corte, pois naquela época era o único convento de dominicanos em Madri. Ele precisava estar perto da Corte para realizar seu trabalho de defesa dos índios perante o rei.

Bartolomeu de las Casas morreu no convento de Atocha em 18 de julho de 1566 e foi enterrado na que era então a capela principal da basílica. O Frei Bartolomeu de las Casas está ligado ao próprio nascimento do conceito de direitos humanos e antecipou a defesa e o reconhecimento dos direitos e da dignidade do homem.



Bartolomeu de Las Casas nasceu em Sevilha em 1484, seu pai partiu para a ilha de Hispaniola com Colombo, em 1493. Como podemos ver, sua relação com a América começou cedo. Em 1502, ele mesmo viajou para a Hispaniola e em 1506, ano da morte de Cristóvão Colombo, foi a Roma, onde foi ordenado sacerdote. Posteriormente, estabeleceu-se em Cuba e o que testemunhou lá o encorajou a voltar à Espanha para contar tudo ao rei.



Prefeitura de Madri. Museu de História de Madri.

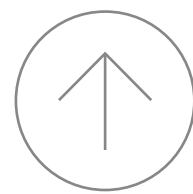
Topografia da Vila de Madri descrita por Pedro Texeira. 1656.



Prefeitura de Madri. Museu de História, Basílica de Atocha.
J. ROIG. Entre 1916 e 1927.

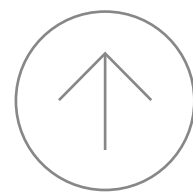
Entre 1535 e 1539, desenvolveu um importante trabalho missionário e diplomático na América Central: Nicarágua, Guatemala, México e Honduras, até ser nomeado Bispo de Chiapas em 1543.

Trabalhou nos dois lados do Atlântico, e dedicou seus últimos anos a melhorar a vida e defender os povos indígenas na América. Hoje podemos ver na Basílica de Atocha duas placas comemorativas de sua obra, uma na entrada da basílica e a outra no interior, no claustro.



Não queremos sair da basílica sem nos lembrar de outro dominicano, Frei Luis López, que continuou o trabalho de Bartolomeu De Las Casas, viveu e morreu aqui, e teve que deixar a América por causa da ameaça dos “encomenderos”.

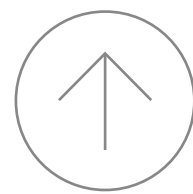
É este espírito de defesa dos direitos humanos que queremos passar na nosso tour pelo Parque do Retiro em busca de vestígios da Ibero-América e daqueles laços que nos uniram e continuam a nos unir ao longo dos séculos. Viagens que, como veremos, foram de ida e volta.



Um exemplo destas idas e vindas pode ser encontrado dentro do templo: o “Santo Niño de Atocha”. A devoção ao “Santo Niño” nasceu no México. Em Plateros, uma pequena aldeia perto das minas de Fresnillo, foi construída uma igreja em homenagem ao “Santo Cristo de los Plateros”, um crucifixo milagroso, começando sua construção no final da década de 1690. Os espanhóis levaram até lá a devoção à Virgem de Atocha, colocando uma bela imagem espanhola de Nossa Senhora e seu Filho Divino em um altar da igreja de Plateros. A imagem desapareceu, mas em pouco tempo foram esculpidas duas imagens novas, que podiam ser separadas.

“El Niño” logo ganhou fama de milagroso, e sua imagem começou a ser venerada e a devoção por ele espalhada pela América Latina e pelas Filipinas.

Sempre houve na Basílica de Atocha uma imagem do Menino Jesus. No entanto, a imagem desapareceu e só colocaram uma nova imagem na segunda metade do século XX, mas desta vez reconvertida na iconografia do “Santo Niño de Atocha”, a



quem muitos visitantes de origem latino-americana vinham à procura. Portanto, a imagem do chamado “Santo Niño de Atocha” é uma nova devoção que veio da América. Desta forma, dois continentes estão mais uma vez unidos, através de uma única devoção ao Menino Jesus, que hoje recebe aqueles que vêm à igreja de Atocha, localizada ao fundo do templo, em uma nave lateral.

“El Niño” é retratado vestido como um peregrino com a “concha de Santiago” e segurando uma cesta de alimentos. Esta representação pode ter tido origem em uma lenda que remonta à época de Madri medieval, quando estava sob ocupação muçulmana. Diz a lenda que, em Atocha, um menino desconhecido dava comida aos prisioneiros cristãos que não tinham ninguém para alimentá-los. Ninguém sabia quem ele era, mas parece que o pequeno cântaro de água que levava nunca estava vazio e a cesta estava sempre cheia de pão. Há muitas pessoas que vêm da América Latina a Madri para visitar o “Santo Niño”, completando assim a viagem de ida e volta que nos parece tão interessante.

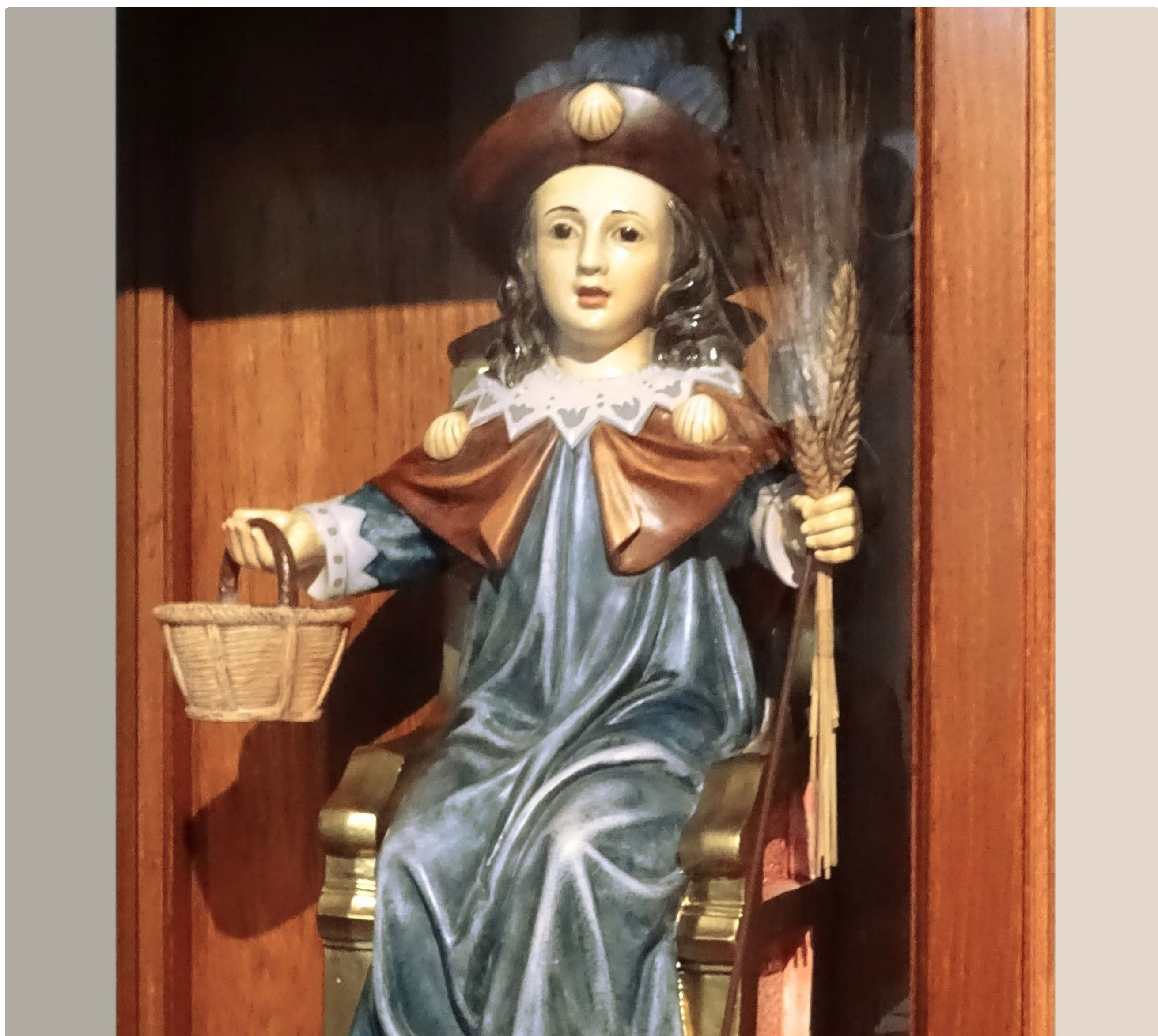


Imagem do “Niño Jesús de Atocha”. Rotas Pangea. 2021

É hora de continuar nosso roteiro. Vamos em busca das conexões entre o Retiro e a Ibero-América. Mas, antes de seguir viagem, vamos dar uma olhada no Campanário e no Panteão dos Homens Ilustres.

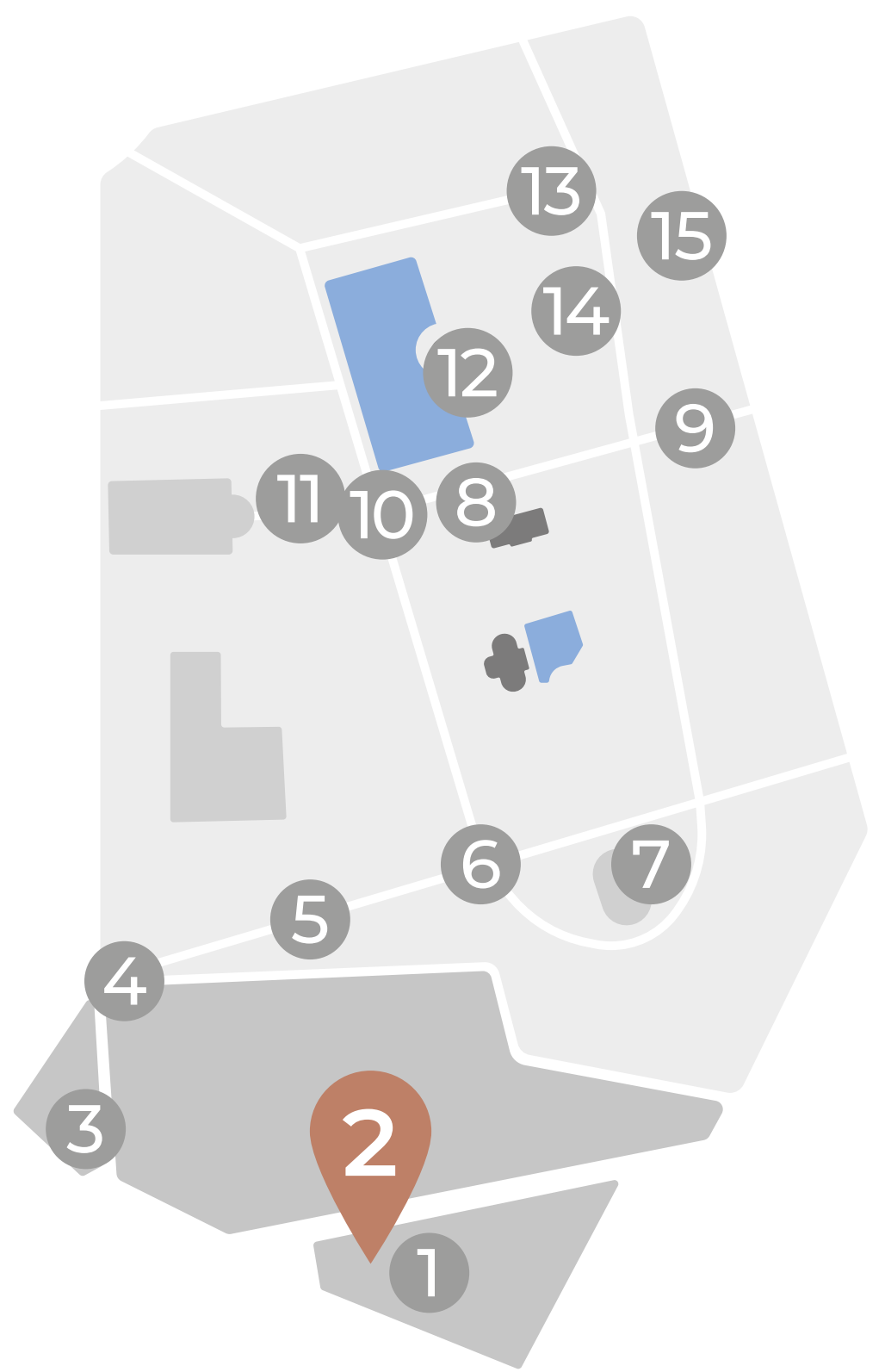


2 Panteão dos Homens Ilustres

 Declarado Bem de Interesse Cultural em 1992

 Dedicado a políticos e militares espanhóis

 Possui uma Estátua da Liberdade



O **Panteão dos Homens Ilustres** foi construído entre 1892 e 1899 por Fernando Arbós y Tremanti, o arquiteto responsável por outras construções em Madri, tais como a Igreja de São Manuel e São Benito, ao lado do Parque do Retiro. Em 1992, este edifício de estilo neomedieval com ecos da arte bizantina foi declarado Bem de Interesse Cultural (BIC).

No entanto, inicialmente, a intenção era construir neste lugar a nova Basílica de Atocha. A construção do templo foi ordenada pela rainha regente Maria Cristina de Habsburgo-Lorena para celebrar cerimônias religiosas oficiais, mas nunca foi feita.



O edifício tem um pátio central e diferentes naves. Neste edifício podem ser visitados os mausoléus de alguns dos políticos e militares mais influentes da Espanha, tais como Sagasta, Cánovas del Castillo, Dato, Ríos Rosas, Canalejas e Gutiérrez de la Concha.

Este último, Manuel Gutiérrez de la Concha e Irigoyen, conhecido por seu nobre título de Marquês do Douro, nasceu na Argentina. As viagens de ida e volta continuam.

Além da importância histórica dessas personalidades, seus monumentos funerários são impressionantes conjuntos escultóricos do final do século XIX e início do século XX, criados por artistas como Mariano Benlliure, Pedro Estany e Agustín Querol.

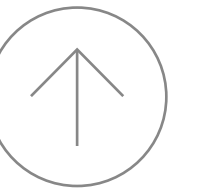
No pátio há outro mausoléu coletivo e uma curiosidade que ninguém imagina encontrar aqui: uma Estátua da Liberdade. A obra, feita pelo escultor Ponciano Ponzano, em 1853, faz parte do monumento funerário que abriga os restos de Mendizábal, Argüelles, Calatrava, entre outros. Representa uma mulher esculpida em mármore Carrara que,



Prefeitura de Madri. Museu de História de Madri.
Passeio de Atocha. Hauser y Menet. 1903.


inevitavelmente, lembra a famosa escultura de Frédéric Auguste Bartholdi. Embora esta última seja a que se tornou famosa, foi construída 26 anos mais tarde do que a que pode ser vista aqui.

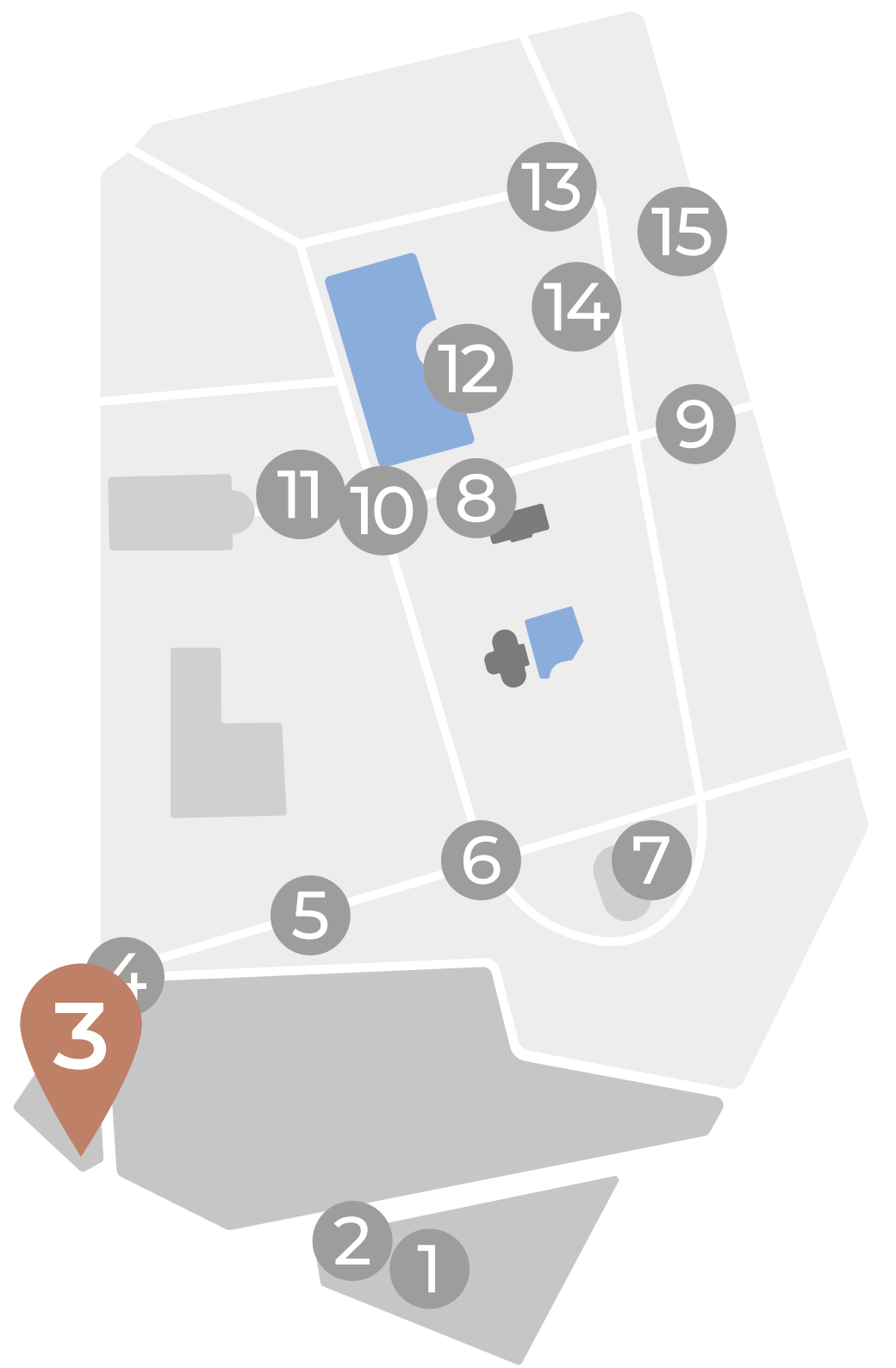
Atualmente, tanto a Basílica de Atocha, quanto o Panteão de Homens Ilustres, fazem parte do Patrimônio Nacional.



3 Museu de Antropologia

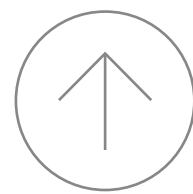
 Reúne importantes coleções americanas

 Coleção de arte amazônica, andina e caribenha. Coleção da cultura purépecha, México



Ao longo do Passeio “de la Reina Cristina” e do Passeio “de la Infanta Isabel”, chegamos à esquina da rua Afonso XI. Na nossa frente, o **Museu de Antropologia**. Este museu é uma entidade viva que oferece muitas exposições temporárias e atividades para todos os públicos. Também tem importantes coleções americanas, que recomendamos para uma próxima visita.

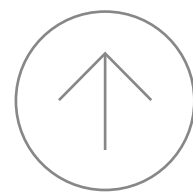
A grande maioria destas peças procede de diferentes culturas amazônicas do Peru, Equador, Brasil, Colômbia e Venezuela. As mais antigas fazem parte das coleções reunidas pela Comissão Científica do Pacífico (1862-1865).



A maior parte das coleções amazônicas é formada pela coleção coletada pelo capitão Francisco Iglesias Brage, entre 1933 e 1934, mediador da Liga das Nações em um conflito de fronteira entre Peru e Colômbia, na área conhecida como o Triângulo de Letícia. Destacam-se as peças das culturas ticuna, cubeo, karajá, parintintin, entre outras. Há ornamentos, máscaras, armas, utensílios domésticos e instrumentos musicais, assim como uma interessante coleção de cerâmica shipibo.

Além destas duas coleções, é preciso acrescentar outras, resultado do trabalho de campo dos antropólogos espanhóis em diferentes comunidades do Peru, Venezuela e Equador. De todas as peças amazônicas, as mais espetaculares pertencem à coleção de toucadores e ornamentos plumários, com exemplos das culturas tapirapé, kayapó, karajá e erigpatsá.

A região andina está bem representada com máscaras, instrumentos musicais e indumentária de diferentes regiões peruanas, bolivianas e equatorianas.



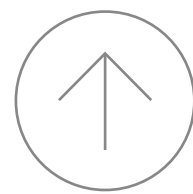
Do Cone Sul, destacam-se alguns objetos do século XIX de várias culturas da Patagônia.

O Caribe, e especialmente as comunidades afrodescendentes, são protagonistas de duas coleções únicas de instrumentos musicais e objetos rituais, a coleção sobre religião vodu haitiano e a da Sociedade Secreta de Abakuá ou ñañigos de Cuba.

Da área mesoamericana, vale a pena destacar a importante coleção da cultura purépecha (México), assim como a de indumentária de diversas culturas maias da Guatemala.

Da América do Norte, destacam-se as vestimentas dos grupos da região das Grandes Planícies, as bonecas kachinas dos hopis e a coleção de cestas da região sudoeste. O museu possui importantes coleções dos inuítes do Ártico canadense, com peças do final do século XIX até o final do século XX.

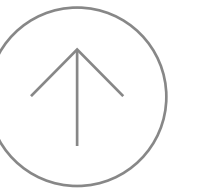
Além dos materiais etnográficos, há algumas amostras de culturas pré-hispânicas, especialmente a cerâmica



andina, assim como exemplos de arte colonial, incluindo duas séries de pinturas de castas do século XVII.

Toda essa área fez parte do Retiro até 1865, quando parte de suas terras foi segregada pela abertura da rua Afonso XI, para dar início a sua urbanização. Este precedente foi usado durante a Primeira República (1873) para continuar com a segregação dos terrenos ao sul do Retiro, conhecidos como o “Olivar de Atocha”.

O “Olivar de Atocha” foi dividido para a criação de uma nova avenida, mais tarde chamada de “Reina Cristina” (pela qual chegamos até aqui), traçada tangencialmente para a Basílica de Atocha e já então planejada como uma das principais vias de acesso à cidade.

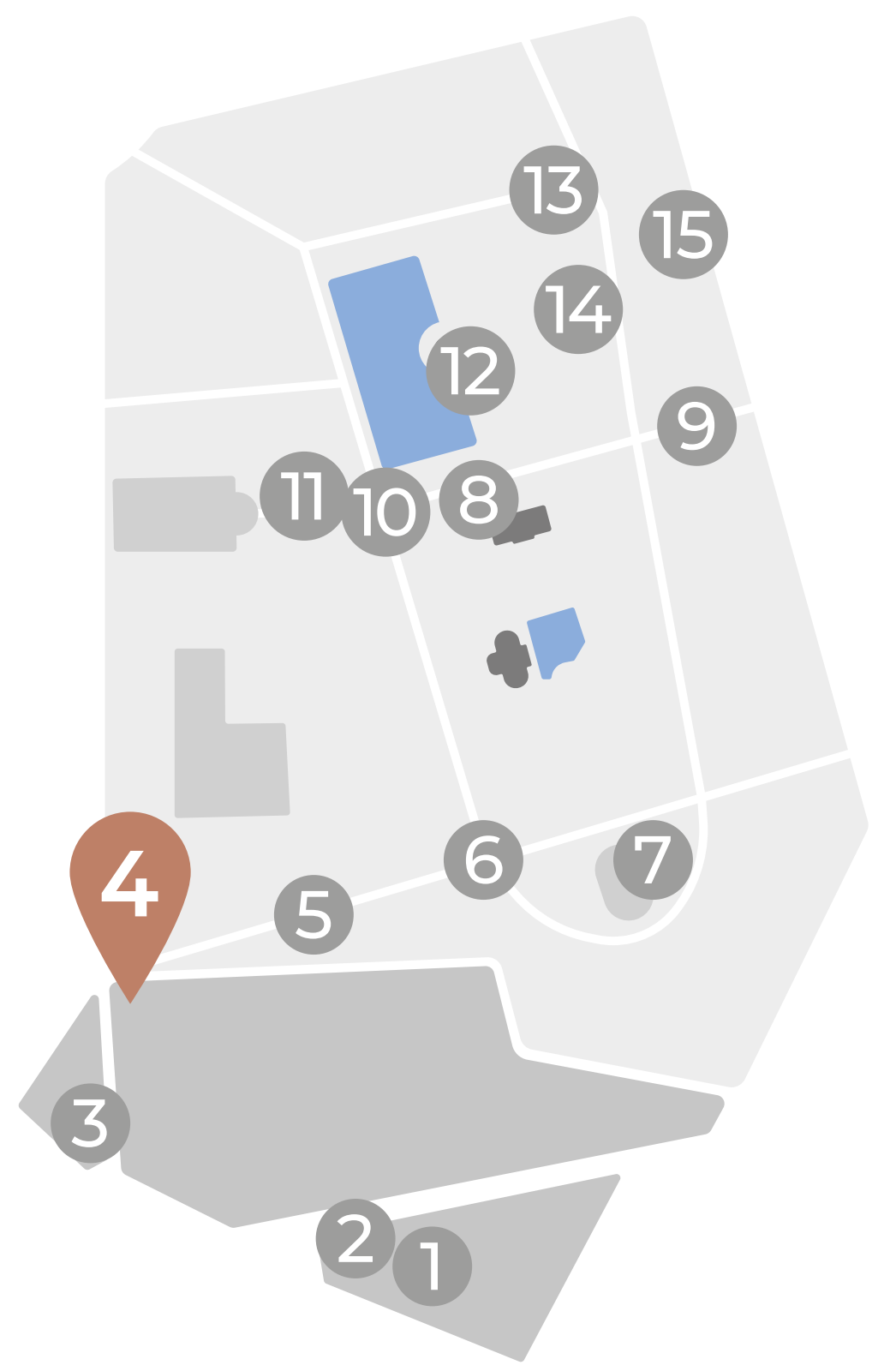


4 Porta do “Ángel Caído”

 Estátua de Pío Baroja

 Acesso pela “Cuesta de Moyano”

 Trânsito de grandes escritores



Subimos a rua Afonso XI até a **Porta do “Ángel Caído”** (anjo caído), nossa entrada para o atual Parque do Retiro. Antes de entrar no parque, ao olharmos para a esquerda, vemos a estátua de Pío Baroja, a entrada dos funcionários do Jardim Botânico, e especialmente, a “Cuesta de Moyano” (Ladeira de Moyano).


A “Cuesta de Moyano”, como a conhecemos hoje, foi fundada em 1925. Antes disso, os livreiros, vindos de outra feira em Atocha, instalavam-se espontaneamente em frente ao portão do Jardim Botânico. Mas depois das reclamações do diretor, foram colocados nesta ladeira.

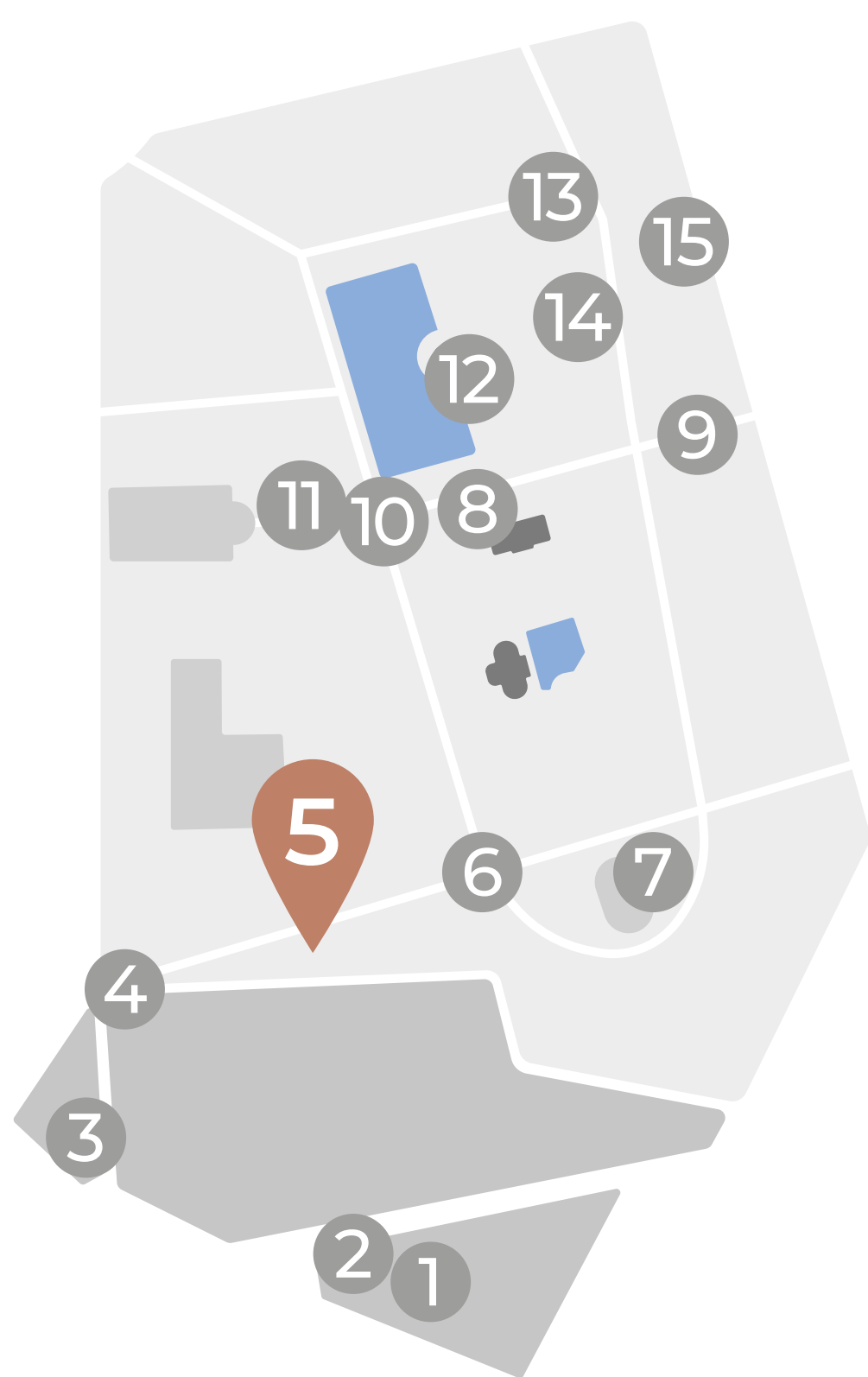


Muitos dos grandes da cultura espanhola, como Camilo José Cela, Azorín ou Francisco Umbral, que a chamavam de “a rua mais lida de Madri”, passavam frequentemente por aqui. Recordaremos especialmente Ramón Gómez de la Serna, que nasceu em Madri e morreu em Buenos Aires. Na América Hispânica, seu trabalho sempre foi apreciado por nomes tão notáveis como o chileno Pablo Neruda e, posteriormente, o mexicano Octavio Paz. Em 1936, após o início da Guerra Civil espanhola, Gómez de la Serna exilou-se em Buenos Aires com sua esposa, a escritora Luisa Sofovich, uma argentina de origem russa. Mais uma conexão.



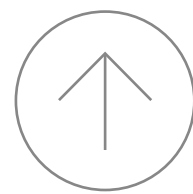
5 Monumento a Juantxu Rodríguez

 Fotógrafo espanhol falecido no Panamá, em 1990




Subimos o Passeio de Fernán Núñez e paramos no lado esquerdo da ladeira, em uma pequena lápide. Uma homenagem dos fotógrafos de imprensa a **Juantxu Rodríguez**, fotógrafo do jornal El País que morreu no Panamá, em 22 de dezembro de 1990, como consequência da invasão daquele país pelo exército norte-americano.

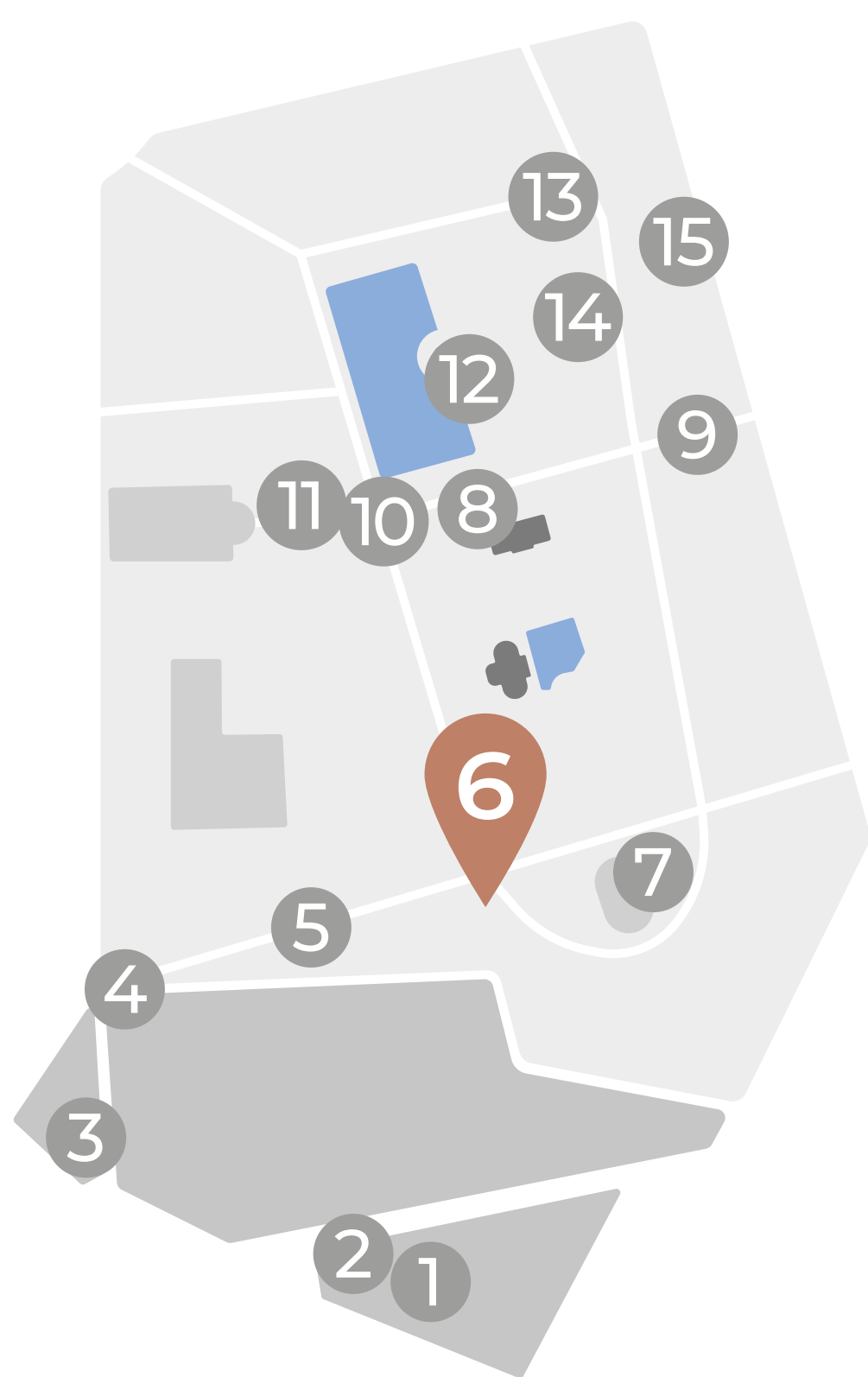




6 Fonte do “Ángel Caído”

 Estátua dedicada a Lúcifer

 Antigo lugar da Ermida de “San Antonio de los Portugueses”



Chegamos à **Fonte do “Ángel Caído”**, cercada de lendas e muitas vezes citada como sendo a única estátua de Lúcifer, mas veremos em nossa gincana que existem várias outras no mundo e na Ibero-América. Vamos deixá-la para trás e caminhar pelo Passeio do Uruguai até chegar à “Rosaleda” do Retiro. Mas antes cabe lembrar que a Ermida de Santo Antônio, que ficava aqui, é conhecida como “dos portugueses” porque sua construção foi financiada pela comunidade portuguesa residente em Madri, a pedido do Conselho de Portugal.

“San Antonio” foi a maior ermida situada no Retiro. Construída com tijolos vermelhos, sua principal característica foi sua fachada, composta por quatro colunas de mármore branco com bases e capitéis de mármore

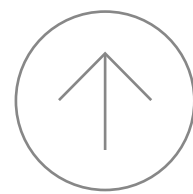


preto, e coroada por uma estátua de Santo Antônio. A característica mais peculiar da capela era o lago ao seu redor, que estava conectado ao grande lago por uma rede de canais.

Foi reconstruída por ordem de Felipe V, após um incêndio em 1734. Em 1761, foi demolida para a construção da Real Fábrica de Porcelana da China, fundada por iniciativa do próprio Carlos III, que, sendo Rei de Nápoles, já tinha fundado uma fábrica similar em Capodimonte. A Real Fábrica de Porcelana foi destruída em 1812 pelas tropas britânicas durante a Guerra da Independência.



Prefeitura de Madri. Museu de História. “La Ermita de San Antonio en el Buen Retiro”. Anônimo. Madri, 1707.

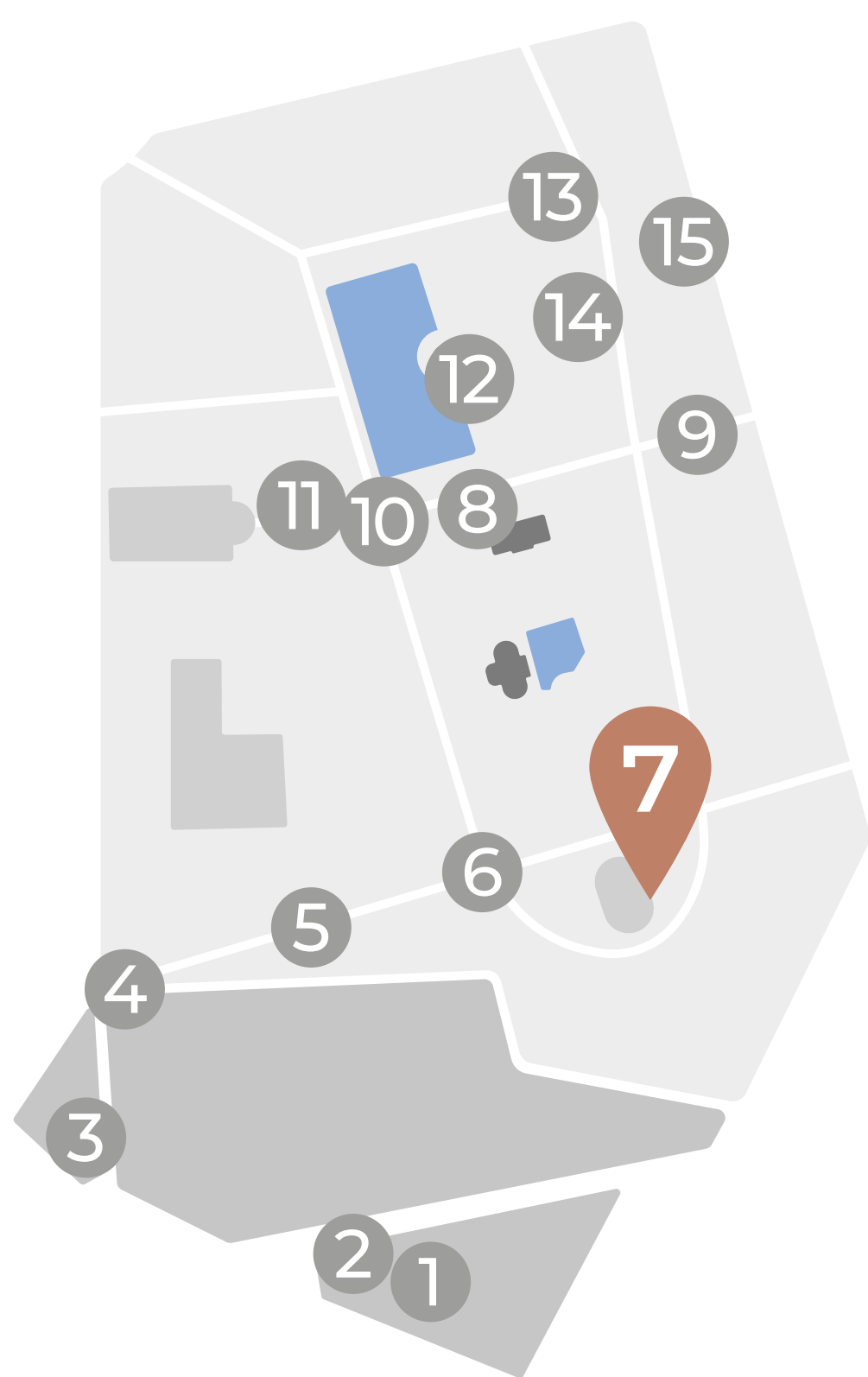


7 A “Rosaleda”

 Símbolo da geminação entre Madri e a Cidade do México

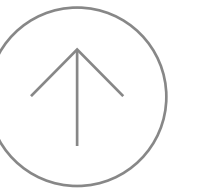
 Inspirada na “Roserarie” de Paris

 Projetada pelo jardineiro-chefe, Cecilio Rodríguez



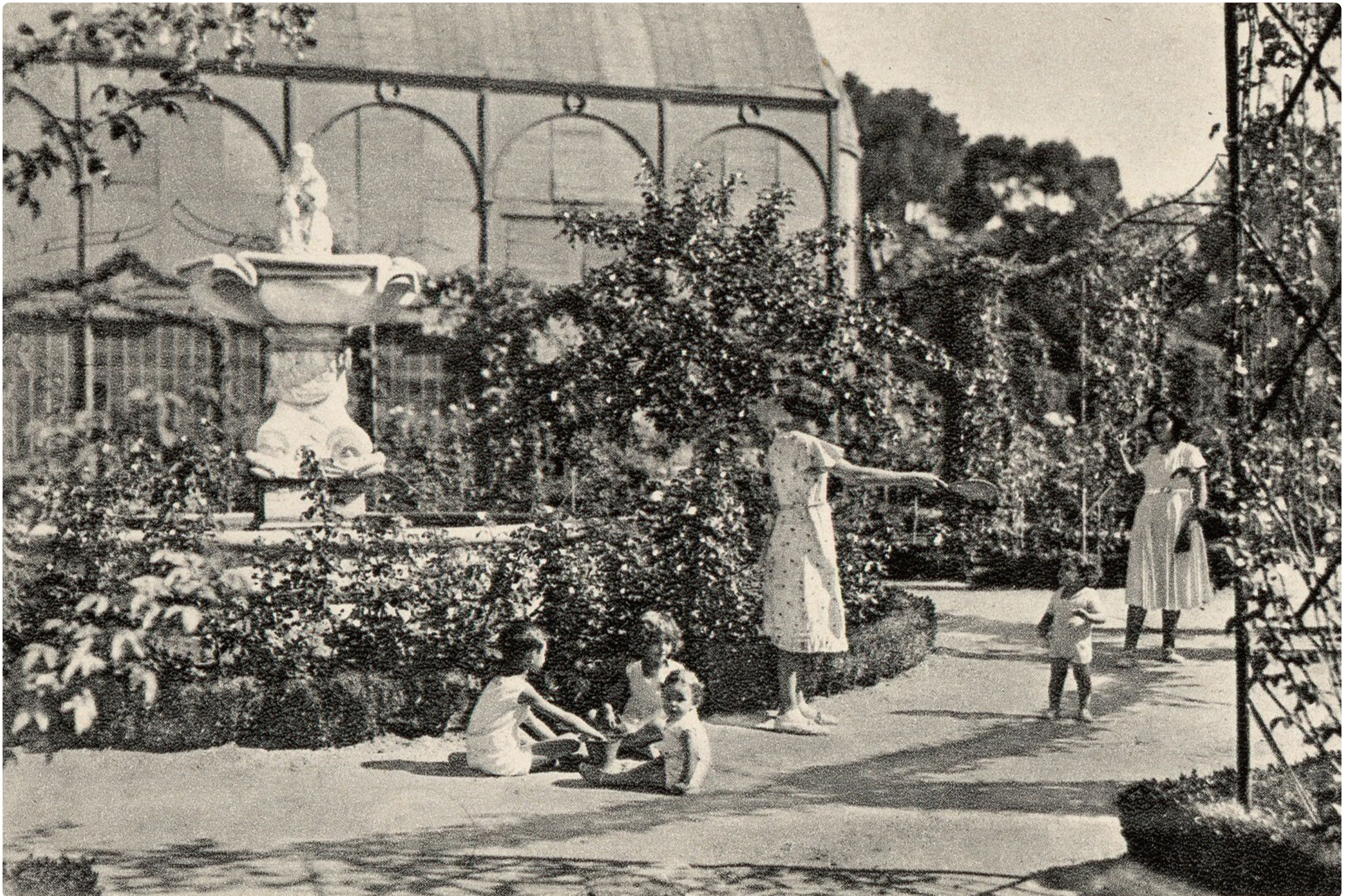
Nossa rota nos leva à **“Rosaleda”** (roseiral). Para nós, a “Rosaleda” simboliza uma geminação, um laço entre Madri e a Cidade do México desde 1954. Naquele ano, o então prefeito de Madri, José María Finat, pousou no aeroporto da Cidade do México, mas não tinha o dinheiro necessário para entrar no país. Uma situação difícil, já que naquela época o México e a Espanha não tinham relações comerciais.

Parecia que a situação se arrastaria, mas a Fraternidade Ibero-Americana no México (composta de mexicanos e espanhóis) descobriu o que estava acontecendo e ajudou o prefeito a resolver a situação. Finat foi à Basílica de Guadalupe para agradecer e fez uma promessa à “Morenita de Tepeyac”:

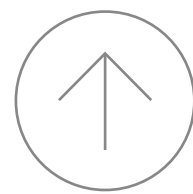


que todos os anos, as primeiras rosas do Parque do Retiro seriam enviadas para a Virgem de Guadalupe. Desde então, todos os meses de junho, as rosas voam para o México. Por sua vez, o México envia todos os anos uma seleção de orquídeas florescidas no santuário de Guadalupe.

Vale a pena prestar uma atenção especial à “Rosaleda” do Retiro. Em julho de 1914, Carlos Prast tomou posse como prefeito de Madri.



Prefeitura de Madri. Museu de História de Madri. Crianças brincando nos parques de Madri / Parque do Retiro - “La Rosaleda”. Coleção de Hémostyl / L. Réaud. ca. 1910

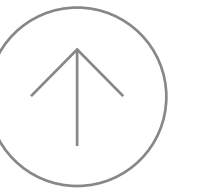


Prast tinha acabado de voltar de Paris, impressionado com a beleza das roseiras que viu na ***Roserarie de la Bagatelle***, onde participou de uma festa.

Assim que foi nomeado prefeito, mandou chamar o jardineiro-chefe, Cecilio Rodríguez, e pediu-lhe que criasse um jardim como o que tinha visto na França, no espaço ao redor da chamada “Estufa de Salamanca”.

Cecilio Rodríguez foi a Paris para ver estes jardins de rosas e comprar roseiras. Sua partida de Madri coincidiu com a declaração da Primeira Guerra Mundial. O jardineiro estava em Versalhes estudando os jardins, coincidindo com o rápido avanço das tropas alemãs na Bélgica e na França. Durante dias, não se soube nada sobre ele, nem se tinha conseguido as roseiras.

Felizmente para a história do Retiro, depois de muitas dificuldades, Cecilio Rodríguez retornou a Madri e começou a preparar o terreno para o novo projeto.



A guerra avançava e a mobilização francesa dificultava o transporte. As roseiras não chegavam, foram meses de espera. Na Prefeitura de Madri, já tinham perdido a esperança quando, finalmente, doze mil roseiras chegaram no final de março de 1915. Uma data tardia para a plantação, que foi realizada rapidamente e concluída em meados de abril. Cinquenta dias depois, brotou a primeira rosa.

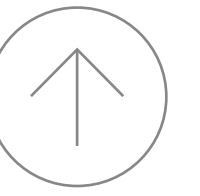


70 MADRID—PARQUE DEL RETIRO - LA ROSALEDA


Prefeitura de Madri. Museu de História de Madri. 70 Madri - Parque do Retiro – “La Rosaleda”. Entre 1921 e 1933.



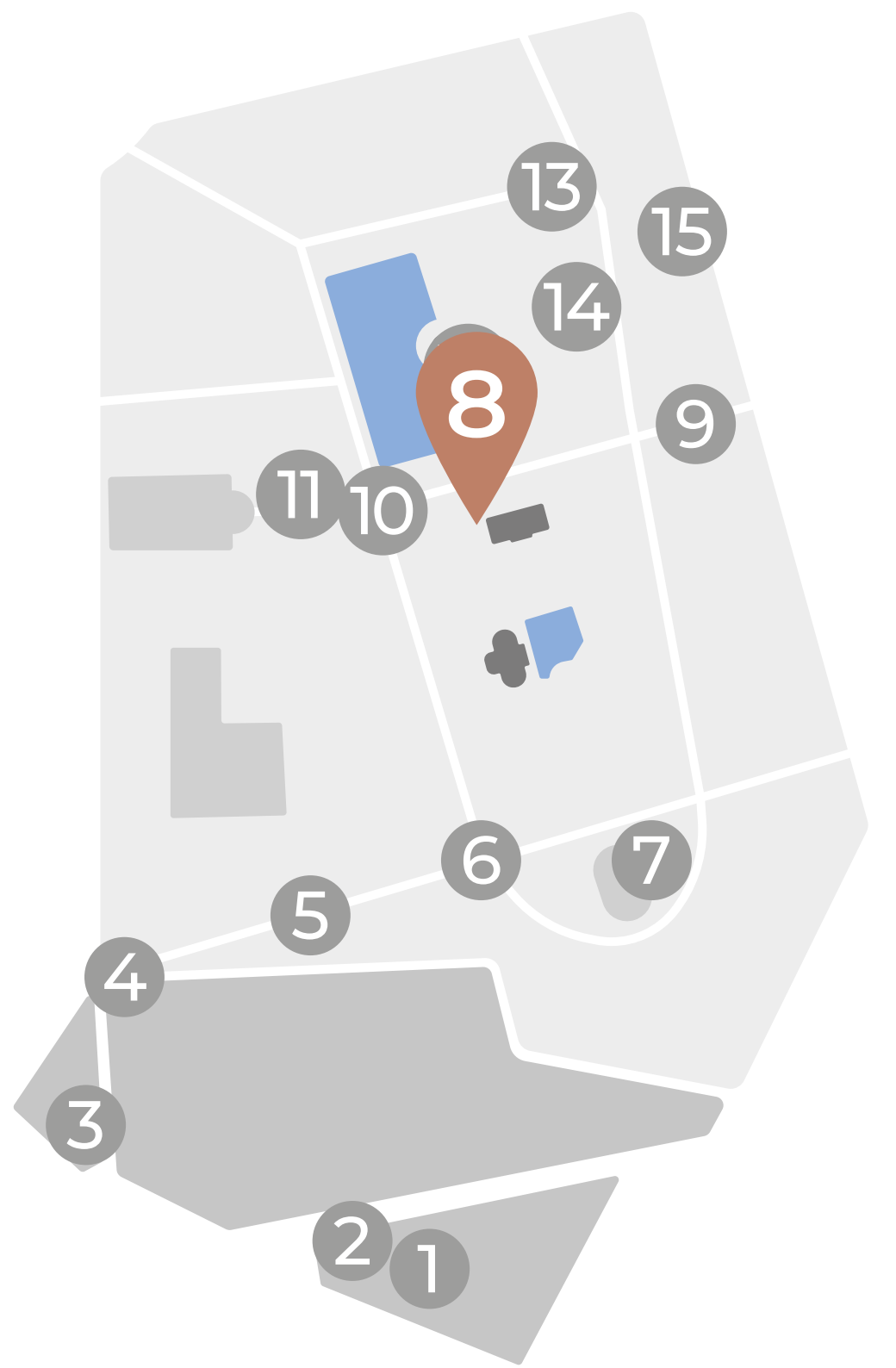
Enquanto isso, em Madri, discutia-se o nome a ser dado ao novo espaço. Carlos Prast propôs dar-lhe o nome de “Rosería”, evocando sua inspiração na **Roserarie de la Bagatelle**, mas Mariano de Cavia em seus artigos no jornal “El Imparcial censurava esta denominação “afrancesada” e deu-lhe o nome de “La Rosaleda”, que finalmente prevaleceu. Hoje a Praça Mariano de Cavia está muito perto dos Jardins do Bom Retiro e imaginamos que ele com seu espírito crítico sorrirá satisfeito pela “Rosaleda”.



8 Monumento a Andrés Eloy Blanco

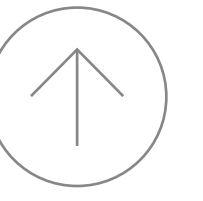
 Dedicado ao poeta e humanista venezuelano

 Foi um presente da Prefeitura de Caracas para Madri



Depois de apreciarmos a beleza da “Rosaleda”, vamos até o monólito de Julio Romero de Torres e de lá para o Palácio de Cristal, obra emblemática do parque, com seu lago e sua cascata. Caminhamos pelo Palácio de Velázquez para chegar ao monumento a **Andrés Eloy Blanco**, localizado, como não poderia ser diferente, no Paseo da Venezuela.

É um busto em memória do poeta e humanista venezuelano Andrés Eloy Blanco, nascido em Cumaná, no estado de Sucre. A escultura foi um presente da Câmara Municipal de Caracas à Prefeitura de Madri, uma obra do escultor venezuelano Martín Leonardo Funes. Foi inaugurado em 3 de



julho de 1975, no 20º aniversário da morte do poeta, na presença de sua viúva, seu filho e do prefeito de Madri, Miguel Ángel García-Lomas.

Da intersecção do Passeio da Venezuela com o Passeio de Fernán Núñez, chegamos a um espaço que foi muito importante no Retiro, a “Casa de Fieras”.




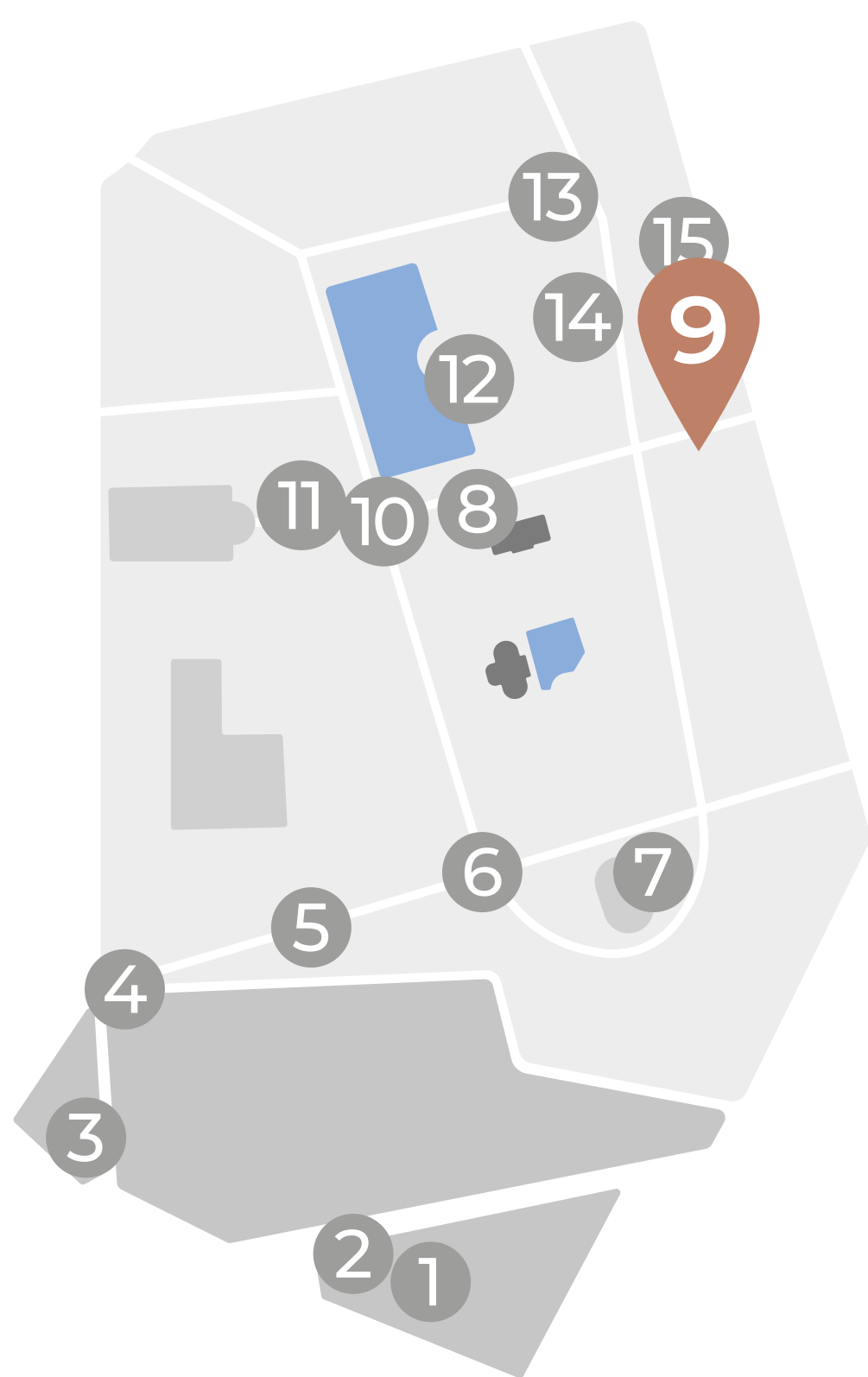
Monumento a Andrés Eloy Blanco. Rotas Pangea. 2021



9 Casa de fieras

 Primeiro zoológico de Madri

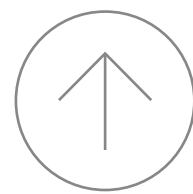
 No século XVIII, a fauna provinha basicamente da Ibero-América



Em 1774, Carlos III ordenou a construção de um parque de animais na atual “Cuesta de Moyano”, então ainda dentro do perímetro dos Jardins do Bom Retiro. A instalação fazia parte de um conjunto que incluía o Jardim Botânico e o Museu de Ciências Naturais.

Durante o século XVI, a fauna do zoológico era proveniente principalmente da Ibero-América, enviada pelos vice-reis. Era composta de araras, tucanos, jaguatiricas, pumas, guanacos, cobras, jacarés, macacos... e de um elefante, um presente do governador das Filipinas, que veio andando de Cádiz até Madri.

A “Casa de Fieras” foi o primeiro jardim zoológico de Madri, no sentido moderno



em que entendemos hoje este tipo de recinto dedicado à exposição de animais em cativeiro, a maioria dos quais vem de lugares e ambientes exóticos. Localizava-se na parte leste do Parque do Retiro, onde hoje estão os jardins do arquiteto Herrero Palacio e os do arquiteto Cecilio Rodríguez. Esteve instalado neste lugar de 1830 a 1972.

Já em pleno século XX, em 1920, a prefeitura de Madri assumiu novamente a administração das instalações. Foi Cecilio Rodríguez, arquiteto e jardineiro-chefe do parque, o criador da “Rosaleda”, que se encarregou da reforma e modernização da “Casa de Fieras”, construindo avenidas e decorando com bancos em estilo andaluz, que ainda hoje podem ser utilizados.

Novas espécies chegaram do Saara e da Guiné Equatorial, ampliando a fauna com leopardos, leões, macacos e hienas, e, anos mais tarde, com ursos polares, zebras, avestruzes, elefantes e um hipopótamo, como o animal mais exótico.



Uma amostra da fauna da Ibero-América foi representada no recinto chamado o “Cercado de los Llamas”.

Nesta gravura, chama a atenção o cartaz com a palavra “guanaco”, que vem de línguas como o quéchua, “wanaku”, ou aimará, “wanáko”.




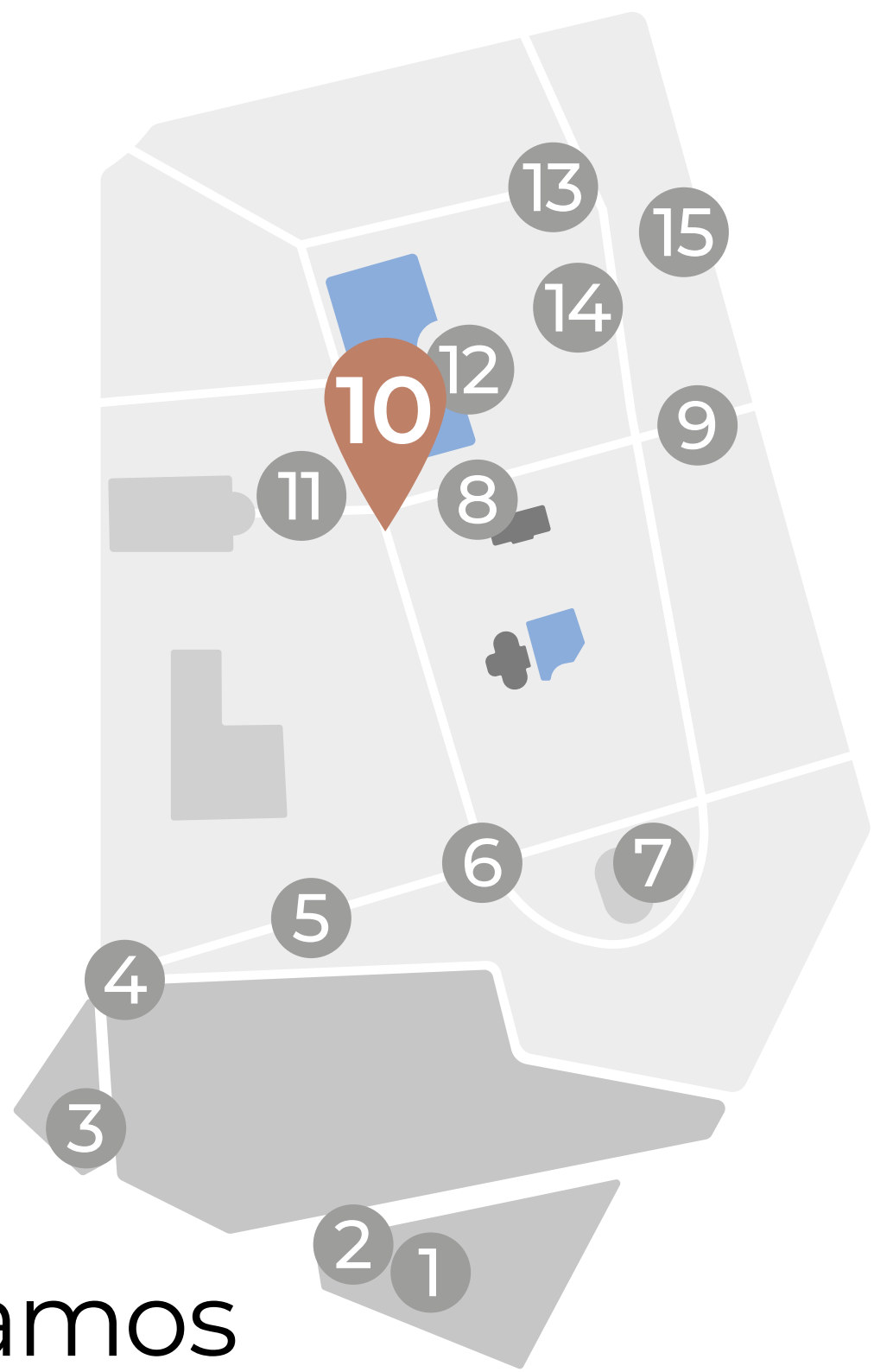
Prefeitura de Madri. Museu de História de Madri.
“Cercado de los llamas”, “Casa de Fieras” do Parque de Madri.
José Luis PELLICER y FENER. Posterior a 1876.



10 Fonte “de la Alcachofa”

 Projetada pelo arquiteto Ventura Rodríguez

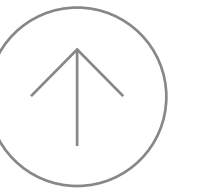
 Dá acesso ao Grande Lago do Parque do Retiro



Muito perto daqui, encontramos a **Fonte “de la Alcachofa”** (da Alcachofra), na pequena praça da República de Honduras, onde o Passeio da Venezuela se une ao Passeio de Cuba e à Rua Nicarágua, dando acesso ao Grande Lago do Retiro. Esta fonte estava originalmente em Atocha, ao lado da já desaparecida Porta de Atocha.



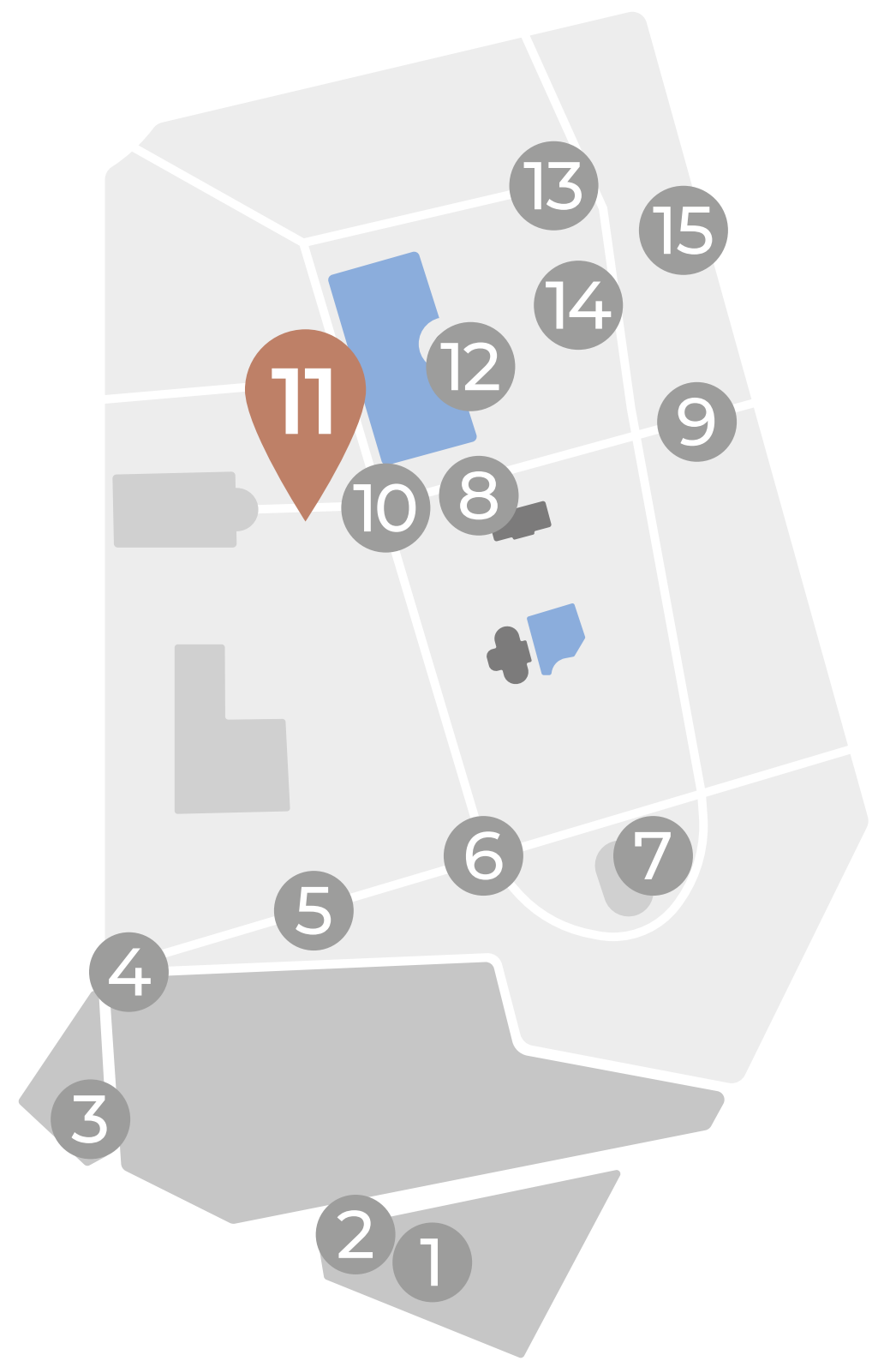
Prefeitura de Madri. Museu de História de Madri. Fonte “de la Alcachofa” e Praça de Honduras, no Retiro. Louis Levy. Ca. 1907.



11 Monumento ao Marechal Francisco Solano López

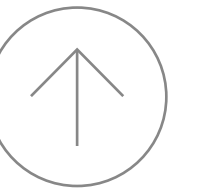


Dedicado ao general paraguaio que lutou pela independência de seu país



Da pequena praça, vamos até o Passeio do Paraguai para ver o monumento ao **Marechal Francisco Solano López**, o general paraguaio que lutou pela independência do Paraguai.

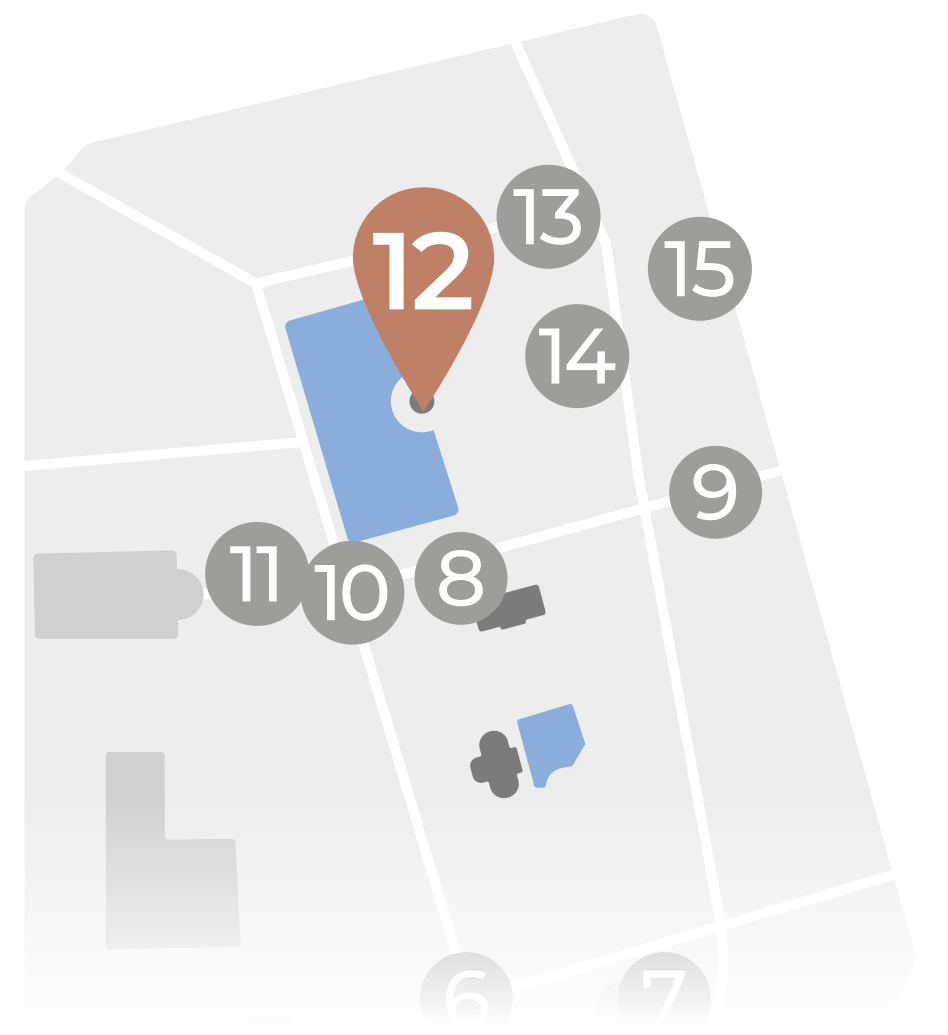




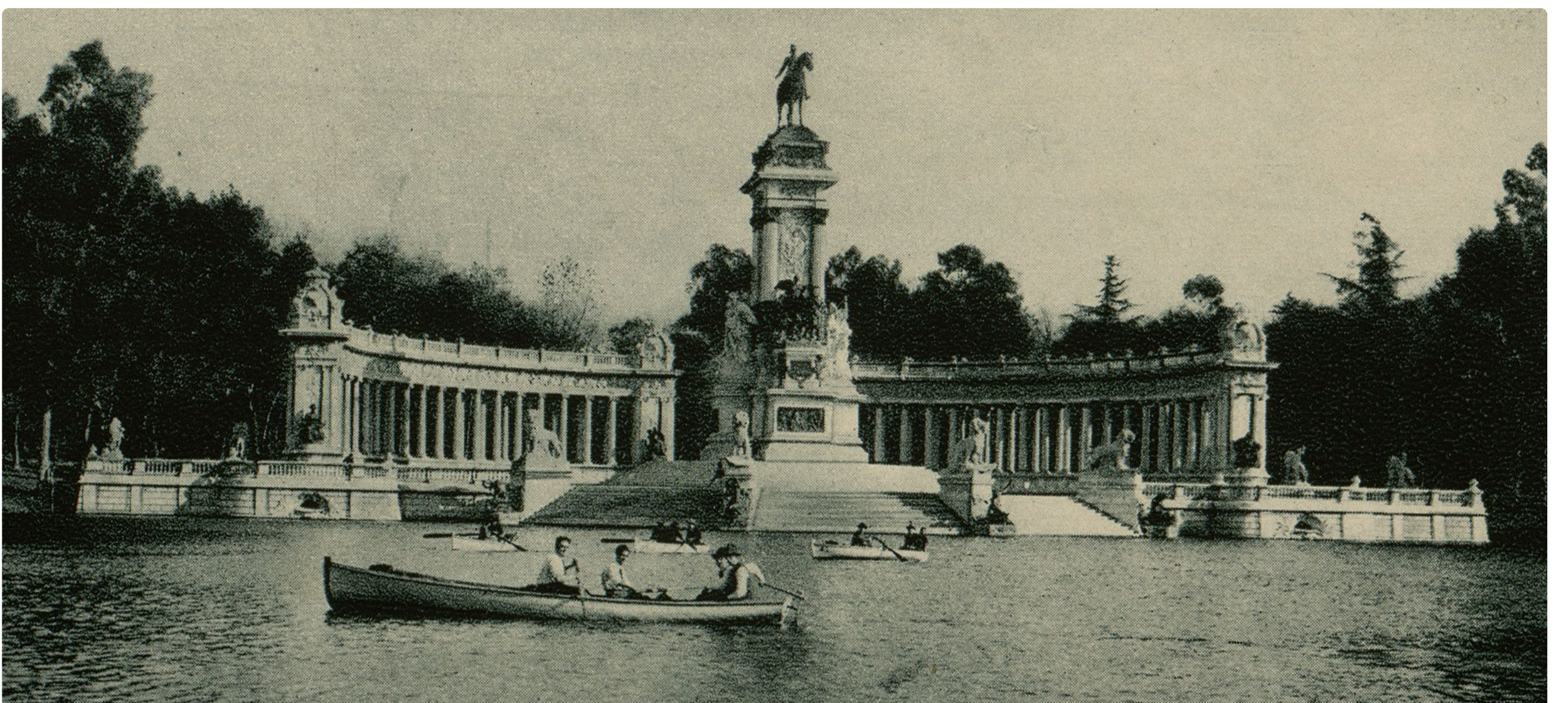
12 Monumento a Afonso XII



Conjunto arquitetônico situado no Grande Lago do Retiro



Voltamos à Rua Nicarágua, de onde podemos apreciar a lagoa que há décadas encanta os madrilinhos e, ao chegar à Fonte de Galápagos, viramos à direita no Passeio da Colômbia. Em todos os momentos, a cena é dominada pelo **Monumento a Afonso XII**, uma obra que inspirou muitas outras apresentadas em diferentes projetos, como o monumento ao General Mitre em Buenos Aires, o do Coronel Bolognesi em Lima ou o dedicado a Bruno Zabala, fundador de Montevideú.



Prefeitura de Madri. Museu de História de Madri.
Monumento a Afonso XII. Kallmeyer y Gautier. Entre 1931 e 1936.



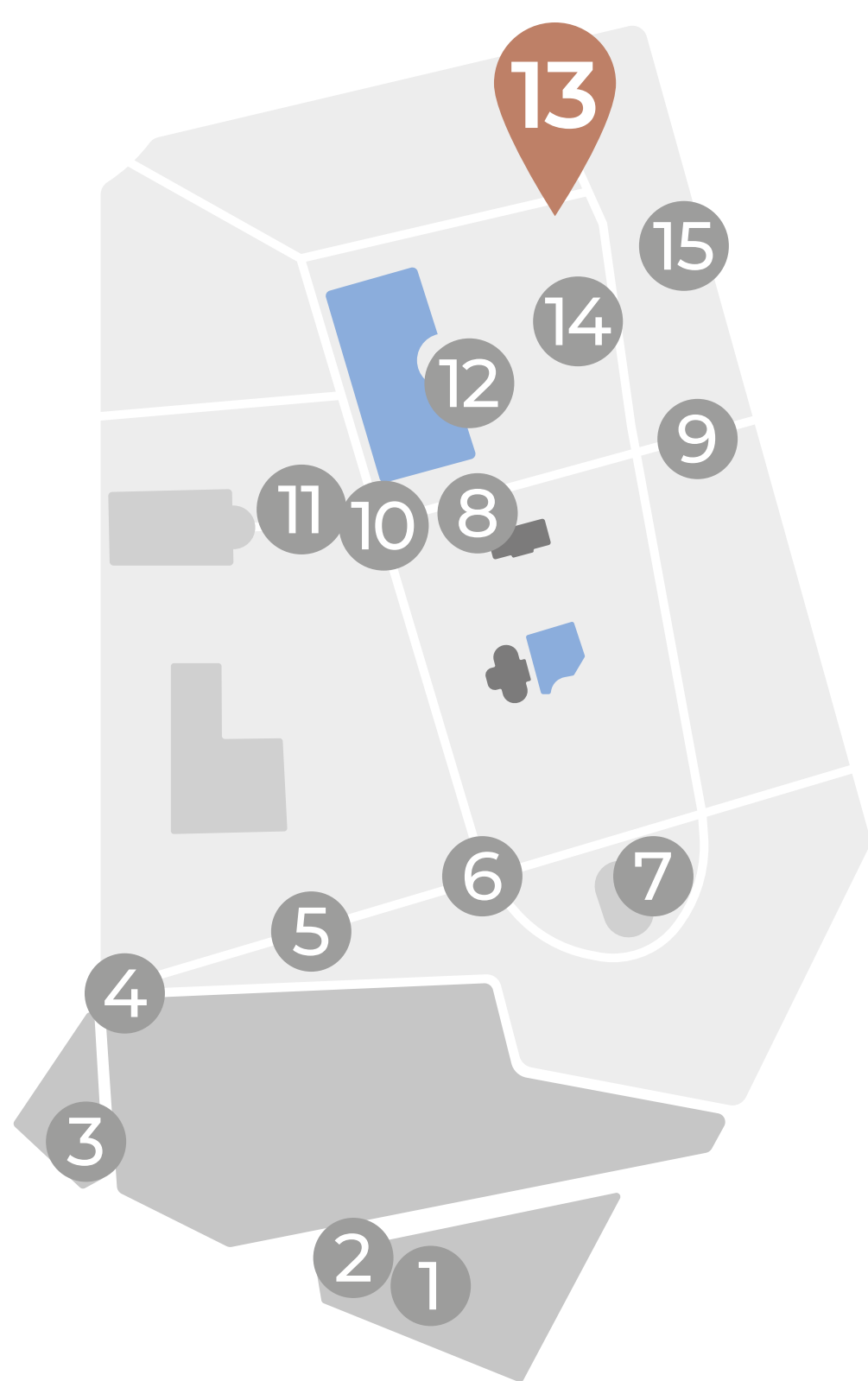
13 Monumento à República de Cuba



Monumento em homenagem à República de Cuba

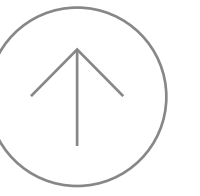


Presta homenagem à constituição e independência



O Passeio da Colômbia transforma-se no Passeio “del Estanque” (do Lago), que leva diretamente ao **Monumento à República de Cuba**. A Prefeitura de Madri autorizou a construção deste monumento na Praça de El Salvador em 1929.

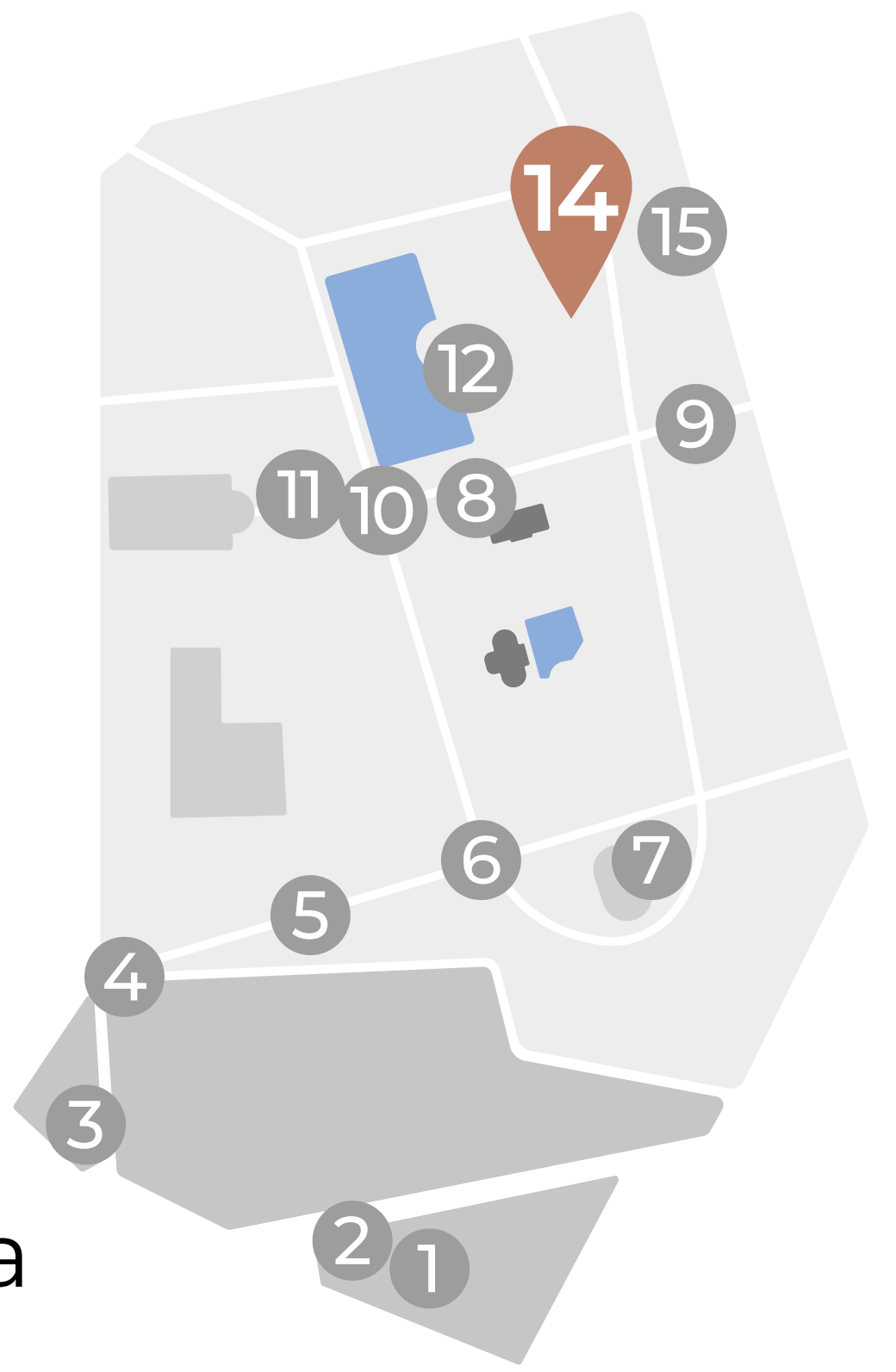
No entanto, a queda da ditadura do General Primo de Rivera, um de seus principais inspiradores, e as circunstâncias políticas posteriores, paralisaram as obras, que só foram inauguradas 30 anos depois, em 27 de outubro de 1952.



14 Monumento ao General Martínez Campos

 Obra de Mariano Benlliure

 Dedicada ao general que lutou no México e em Cuba




Caminhando pela Avenida do Peru, encontramos outra escultura muito conhecida no Retiro, a obra de Mariano Benlliure y Gil. Estamos nos referindo ao **Monumento ao General Martínez Campos**, que lutou no México e em Cuba.

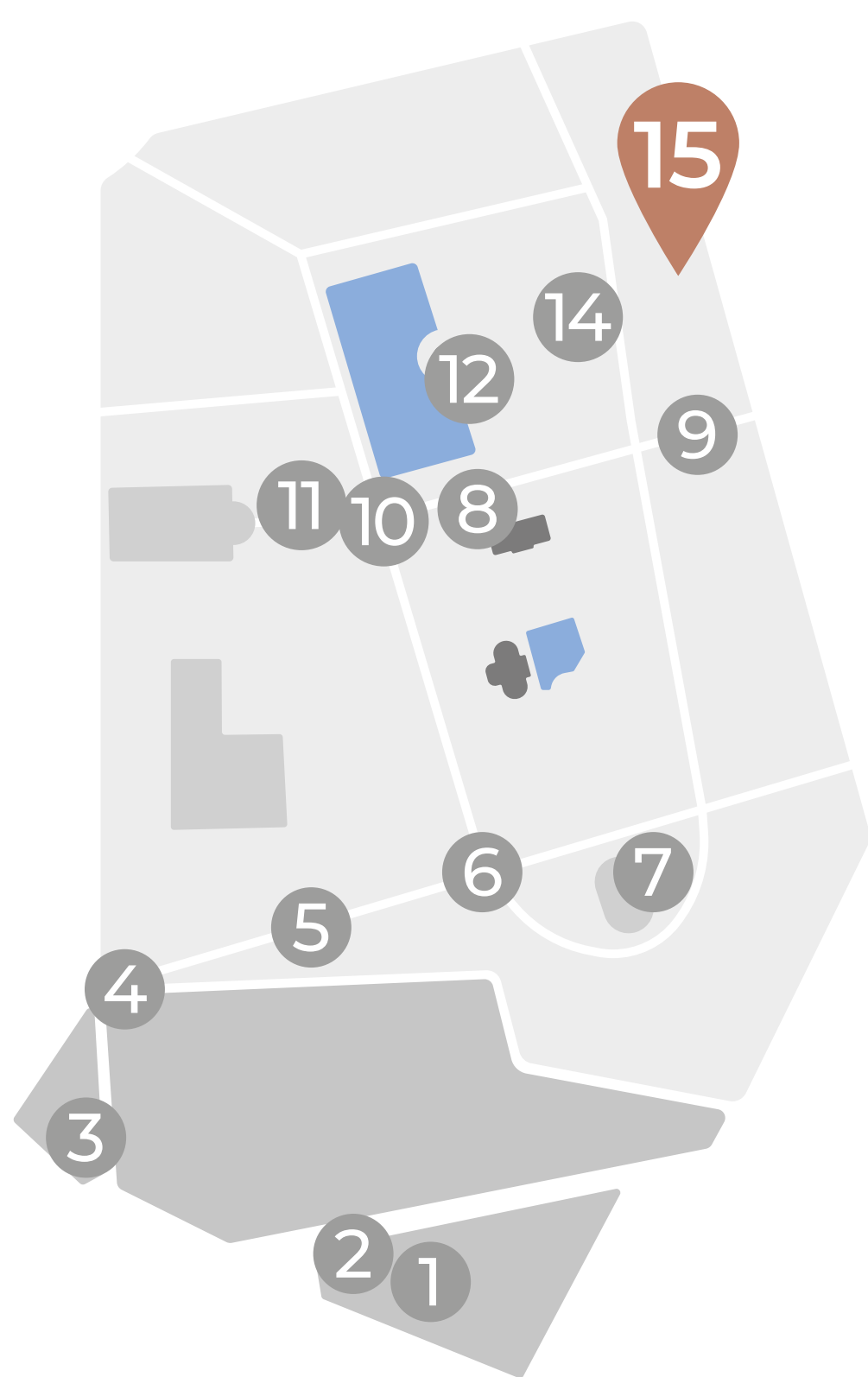
Em frente ao monumento, já podemos ver a Porta “de la Reina Mercedes”, com acesso pelo Paseio do Panamá. Neste passeio, há um busto em homenagem ao cantor e ator mexicano Pedro Vargas Mata, conhecido como “El Rey” (O Rei).



15 Porta de “la América Española”

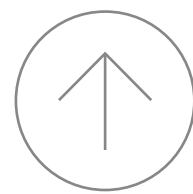
 Foi aberta em 1932, no início da Segunda República

 Porta simples, com pouquíssima ornamentação, aberta a pedido dos moradores do bairro do Retiro



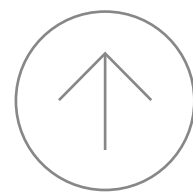
Nosso itinerário vai virar à esquerda, para sair do Parque do Retiro por outra de suas portas, a **Porta “de la América Española”**.

Esta porta dá acesso à Avenida de Menéndez y Pelayo, em frente ao início da Rua de Menorca. É um portão de ferro, sem nenhum motivo em sua ornamentação que o relacione com o que era conhecida como América Espanhola: Nova Espanha (México), Nova Granada (Colômbia), Peru e Buenos Aires, as Capitânicas Gerais de Cuba, Porto Rico, Guatemala, Caracas e o Chile, e a Presidência de Quito. No exterior, tem uma simples placa “Puerta de la América Española”.



Foi aberta no início da Segunda República, em 1932, a pedido dos moradores da ampliação do bairro do Retiro, a fim de melhorar o acesso ao parque a partir da Avenida Menéndez Pelayo, onde moraram ilustres figuras ibero-americanas, como Gabriela Mistral, professora e diplomata chilena, ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura em 1945.

Nesta porta, com nome sonoro e categórico, termina a primeira de nossas rotas em memória da Ibero-América no Parque do Retiro.



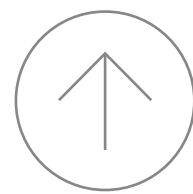
AGRADECIMENTOS

Secretaria de Turismo, Prefeitura de Madri
Secretaria de Meio Ambiente e Mobilidade,
Prefeitura de Madri
Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes,
Prefeitura de Madri
Arquivo da “Villa de Madrid”
Arquivo Universidade de Salamanca
Prefeitura de Madri
Basílica Nossa Senhora de Atocha
Biblioteca Digital memória de Madri
Casa da América
Círculo de Belas Artes de Madri
Hemeroteca Municipal
Museu da América
Museu da História de Madri
Museu Nacional de Antropologia
Museu Nacional de Ciências Naturais
Museu Sorolla
Parque do Retiro
Patrimônio Nacional
Real Jardim Botânico Alfonso XIII-UCM



BIBLIOGRAFIA

- ARIZA MUÑOZ, Carmen, Los jardines del Buen Retiro de Madrid. Barcelona, Lunwerg, 1990.
- MARIBLANCA, Rosalía, Historia del Buen Retiro. Madrid. La Librería, 2008.
- CÓRDOBA, Edna, El papel de la décima espinela en la cultura latinoamericana, La Clé des Langues, Lyon, ENS de LYON/DGESCO (ISSN 2107-7029), 2014. URL: <http://cle.ens-lyon.fr/espagnol/litterature/litterature-latino-americaine/poesie/el-papel-de-la-decima-espinela-en-la-cultura-latinoamericana>
- TRAPERO, MAXIMIANO, VICENTE ESPINEL, LA DÉCIMA ESPINELA Y LO QUE DE ELLOS DICEN LOS DECIMISTAS, en el VI Encuentro-Festival Iberoamericano de la Décima y el Verso Improvisado. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de La Palmas, Cabildo de Gran Canaria y Acade, 2000: I, Estudios, 117-137.



BIBLIOGRAFIA AMPLIADA

- MÉLIDA, Julia: Biografía del Buen Retiro. Imp. Astur, Madrid, 1946
- ORDIU, José: Casa de Madrid. Apuntes para la historia del Buen Retiro. Vicente Rico, Madrid, 1925
- LUCA DE TENA, Cayetano: El Buen Retiro. Prensa Española, Madrid, 1971
- BLASCO, Carmen: El Palacio del Buen Retiro de Madrid. Un proyecto hacia el pasado. Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, Madrid, 2001
- FERNÁNDEZ DE LOS RÍOS, Ángel: Guía de Madrid. La Ilustración Española y Americana, Madrid, pp. 338-384
- D. E. R. N: Guía histórica del Parque de Madrid, antes Buen Retiro. Contiene una serie de datos históricos y noticias curiosas. Madrid, 1879
- ARIZA MUÑOZ, Carmen: Los jardines de Madrid en el siglo XIX. El Avapiés, Madrid, 1988



- RIZA MUÑOZ, Carmen: Los Jardines del Buen Retiro de Madrid. Ayuntamiento de Madrid, Madrid, 1990
- GUERRA DE LA VEGA, Ramón: Los parques de Madrid. 1. El Buen Retiro. ed. del autor, Madrid, 1983
- GRASES RIERA, José: Mejoras y reformas de Madrid. El Retiro de Madrid, los jardines del Buen Retiro, el Salón del Prado. Fontanet, Madrid, 1905
- CATURLA, María Luisa: Pinturas, frondas y fuentes del Buen Retiro. Revista de Occidente, Madrid,
- BROWN, Jonathan y ELLIOTT, John H: Un palacio para el rey. El Buen Retiro y la corte de Felipe IV. Alianza Editorial, Madrid, 1981-1985
- AZCARATE, José María: “Anales de la construcción del Buen Retiro.”, en Anales del Instituto de Estudios Madrileños, t. I, 1966, pp. 99-137
- ARIZA, Juan de: “El Buen Retiro.”, en Semanario Pintoresco Español, nº 36, 8-IX-1850, pp. 287-288



- GÓMEZ IGLESIAS, Agustín: “El Buen Retiro.”, en Villa de Madrid, n° 24, 1968, pp. 25-38
- GOÑI, Francisco: “El Real Sitio del Retiro.”, en Nuevo Mundo, n° 463, 21-XI-1902
- ARIZA MUÑOZ, Carmen: “Los jardines del Buen Retiro en el siglo XIX.”, en Anales del Instituto de Estudios Madrileños, t. XVI, 1979, pp. 327-378
- AMADOR DE LOS RÍOS, Rodrigo: “Los jardines del Buen Retiro. Notas de su historia.”, en La España Moderna, n° 193, en. 1905
- DOMÍNGUEZ BORDOÑA, J: “Noticias para la historia del Buen Retiro.”, en Revista de la Biblioteca, Archivo y Museo del Ayuntamiento de Madrid, n° 37, en. 1933, pp. 83-90



Autoria: Jesús Blázquez, Rotas Pangea.

Coordenação: Arancha Álvarez Montoya
e equipe da Direção-Geral de Cultura da OEI

Design e diagramação: wearebold.es

Imagem da capa: Joaquín Sorolla Bastida.
El Retiro, Madri 1898. Museu Sorolla, nº inv. 00397.

ISBN: 978-84-7666-294-6

Com a colaboração de:

